

“O passado nunca está morto”. Um tributo a Waldo César e sua contribuição ao movimento ecumênico brasileiro

Magali do Nascimento Cunha*

Resumo

Este texto recupera a memória do movimento ecumênico brasileiro no período pré e pós-Golpe Militar de 1964, prestando um tributo ao sociólogo protestante Waldo Aranha Lenz César, morto em junho de 2007. Waldo César teve participação destacada nos movimentos de juventude protestante, na Confederação Evangélica do Brasil, protagonizando a marcante Conferência do Nordeste (1962), como seu coordenador; e durante o período de repressão e expurgos dentro e fora das igrejas no país pós-64, com a criação do Centro Ecumênico de Informação e do instigante e ousado projeto editorial da *Revista Paz e Terra*. Recuperar a memória da contribuição de Waldo César ao movimento ecumênico brasileiro é reavivar um passado que torna possível entender o presente e inspirar o futuro das igrejas e da busca de unidade em meio à diversidade e do cumprimento da responsabilidade sociopolítica como mandato cristão.

Palavras-chave: movimento ecumênico; período de repressão; Confederação Evangélica do Brasil; Waldo César.

“The Past is Never Dead”: A Tribute to Waldo César and His Contribution to the Brazilian Ecumenical Movement

Abstract

This article recovers the memory of the Brazilian ecumenical movement in the pre and post-period to the 1964 military coup, paying a tribute to the Protestant sociologist Waldo Aranha Lenz César, who died in June 2007. Waldo César had a significant

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Mestre em Memória Social e Documento pela Universidade do Rio de Janeiro, professora da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, membro do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas.

participation in youth movements, in the Protestant Confederation of Brazil, carrying out the important Northeast Conference (1962), as its coordinator, and during the period of repression and expulsions, inside and outside the churches in the post-1964 Brazil, with the creation of the Ecumenical Center for Information, and of the bold editorial project *Revista Paz e Terra* [Peace and Earth Review]. Recovering the memory of Waldo César's contribution to the Brazilian Ecumenical movement is to revive a past that makes it possible to understand the present and inspires the future of the churches and of the search for unity in the midst of diversity and of the fulfillment of the socio-political responsibility as a Christian mandate.

Keywords: Ecumenical movement; Period of repression; Protestant Confederation of Brazil; Waldo César.

El pasado nunca está muerto: Un tributo a Waldo César y su contribución al movimiento ecumenico brasileño

Resumen

Este texto recupera la memoria del movimiento ecuménico brasileño en el período pre y post-Golpe Militar del año 1964, presentando un tributo al sociólogo protestante Waldo Aranha Lenz César, muerto en junio del 2007. Waldo César tuvo una participación destacada en los movimientos de juventud protestante, en la Confederación Evangélica de Brasil, donde protagonizó la notable Conferencia del Nordeste (1962), como su coordinador; y durante el período de represión y expurgos dentro y fuera de las iglesias en el país después del año 1964, con la creación del Centro Ecuménico de Información y del instigante y osado proyecto editorial de la *Revista Paz e Terra*. Recuperar la memoria de la contribución de Waldo César al movimiento ecuménico brasileño es reavivar un pasado que torna posible entender el presente e inspirar el futuro de las iglesias y de la búsqueda de unidad en medio de la diversidad y del cumplimiento de la responsabilidad socio-política como mandato cristiano.

Palabras-clave: movimiento ecuménico; período de represión; Confederación Evangélica de Brasil; Waldo César.

Introdução

O sociólogo protestante Waldo Aranha Lenz César teve sua história de vida encerrada em junho de 2007. Uma história marcada por muitas contribuições no campo da ciência e no campo da religião. Este artigo presta tributo a Waldo César, destacando a trajetória do movimento ecumênico brasileiro, que ele ajudou a construir, com a memória da participação dele, que protagonizou experiências singulares para as igrejas brasileiras como a coordenação da Conferência do Nordeste (1962), e de um dos projetos mais ousados e instigantes desenvolvidos na editoração brasileira: a *Revista Paz e Terra*.

A memória, recuperada neste artigo, diz respeito aos períodos pré e pós-Golpe Militar de 1964, sendo o segundo determinante para a história do movimento ecumênico no Brasil, pois, lideranças que sofreram a repressão do governo militar e do governo eclesiástico, entre elas Waldo César, se organizaram em grupos que procuravam instituir formas coletivas de sobrevivência diante dos expurgos e fechamentos e de abertura de espaços que garantissem a continuidade da difusão e da visibilidade do sonho ecumênico já consolidado no País.

1. Ações pela responsabilidade sociopolítica cristã: ecumenismo no Brasil pré-1964

Os movimentos pela unidade das igrejas surgem, no Brasil, no século XIX, desde a aspiração pública pela criação da Aliança Evangélica Brasileira. Estes movimentos – gênese do movimento ecumênico – já se espalhavam pelo mundo e eram resultado da consciência da negatividade do divisionismo protestante, interpretado por alguns grupos como verdadeiro «escândalo» para a propagação da fé.

Os movimentos pela unidade pregavam a cooperação entre protestantes e foram responsáveis pela articulação de diversos grupos no interior das igrejas, o que sem dúvida resultou na instituição de novo modo de ser que dava sinais de presença mais significativa na vida do País. A memória desta gênese do movimento ecumênico brasileiro destaca nomes como Eduardo Carlos Pereira, Erasmo Braga e Epaminondas Mello do Amaral e também da Confederação Evangélica do Brasil (CEB, 1934), associação de seis das principais igrejas protestantes brasileiras: a Congregacional, a Presbiteriana do Brasil, a Presbiteriana Independente, a Episcopal, a Metodista e a Luterana (1959).

Paralelamente, o não-ecumenismo encontrava legitimação nas sucessivas releituras da ética pietista, predominantemente individualista, e dos ideais de separação igreja e mundo e da não-preocupação com as questões políticas que caracterizaram a ação protestante dos primeiros missionários no Brasil. Estas significações identitárias persistiam em restringir a compreensão de missão no Brasil ao anticatolicismo e à pregação “espiritualizada” da fé cristã, com fins conversionistas de mera adesão de novos fiéis.

No entanto, isto não foi capaz de impedir que, finalmente, se estabelecesse, muito em razão da abertura aos ideais de unidade e cooperação internacionais, um movimento instituinte do ecumenismo no Brasil. Como na história do ecumenismo do mundo, os movimentos de juventude protestante (estudantil e no interior das igrejas) tiveram papel primordial neste processo. Eles formaram lideranças expressivas para as igrejas protestantes e para o movimento ecumênico nacional e internacional durante os anos de 1910 a 1960.

1.1. *Movimentos de juventude*

Esses movimentos ganharam novos contornos no Brasil especialmente por meio da atuação da Federação Mundial dos Movimentos Estudantis Cristãos (FUMEC, 1895). Em 1936, Suzane de Dietrich, missionária da FUMEC, visitou o Brasil e disseminou as idéias da redescoberta da Bíblia. Estas idéias encontraram apoio não só nas escolas e faculdades mas nas igrejas e suas mocidades. O enfoque do estudo era a Bíblia como base para a reflexão sobre a história – “Deus se revela na experiência histórica”.¹

Durante os anos de 1940, a União Cristã dos Estudantes do Brasil (UCEB, 1940) atuava com secundaristas e universitários, sob a assessoria do pastor presbiteriano Jorge César Mota. Eram realizados acampamentos, encontros, atividades evangelísticas, serviços, discussões teológicas, debates sobre temas científicos, estudos bíblicos, casas de estudantes, bolsas de estudos e viagens a congressos no exterior. A motivação “era ‘levar almas à conversão e à nova vida em Cristo’ mas já se falava em testemunho interdenominacional protestante, reconstruindo o conceito bíblico de igreja; e também (...) no testemunho no meio estudantil e em atitude crítica e a formar cristãos responsáveis na política”.²

As publicações das organizações nacionais das mocidades das igrejas protestantes desempenhavam papel fundamental na disseminação das novas idéias a que os jovens tinham acesso. Destacaram-se no período o jornal *Mocidade*, dos jovens presbiterianos, a revista *Cruz de Malta*, dos jovens metodistas, e o jornal *O Exemplo*, dos jovens congregacionais.

Esta articulação no plano nacional e internacional fazia com que os jovens das igrejas protestantes estivessem institucional e teologicamente mais avançados em relação às próprias lideranças de suas denominações. Waldo César recorda:

Eu me lembro de um pastor importante na cúpula da Igreja chegar para nós e dizer: “Vocês estão muito melhor organizados do que a Igreja Presbiteriana do Brasil”. A nossa forma de trabalhar era bastante dinâmica, muito organizada e nos fazia avançar em nossa rede de influência no trabalho da mocidade em todo o País. Nós viajávamos por este País muito mais do que os líderes da Igreja, tínhamos equipes que estavam espalhadas por toda parte, e o jornal “Mocidade” atrás de todo este processo, isto dava certa articulação que a Igreja não tinha de forma alguma na sua maneira de trabalhar.³

¹ Cf. Bueno, Rubens. UCEB: “Um processo de formação autêntica do jovem nas fronteiras da história”. In: *Seminário juventude evangélica: passado e presente*, 12-14 abr. 1985. Anais. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1985. [não paginado]

² Id. *ibid.*

³ César, Waldo. UCEB: “Um processo de formação autêntica do jovem nas fronteiras da história”. In: *Seminário juventude evangélica: passado e presente*, 12-14 abr. 1985. Anais. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1985. [não paginado]

Nesta primeira fase, o movimento de juventude formou lideranças que se tornariam importantes para eventos posteriores da história do protestantismo e do movimento ecumênico brasileiro como Aduino Araújo Dourado, Benjamin Moraes, Billy Gammon, Boanerges Cunha, Jether Ramalho, Lysâneas Maciel, Waldo César e Rubem Alves.

1.2. *O tema da responsabilidade social cristã*

Além desse, outros ventos sopraram entre as igrejas no Brasil. Procurando retomar o espírito de questionamento inicial do protestantismo, o movimento ecumênico passa a orientar-se para nova significação: a responsabilidade sociopolítica dos cristãos. Esta interrogação tem, por primeiro efeito, o de estimular a atuação protestante para além das fronteiras denominacionais, re-significando a sua própria aceção do conceito de *missão*. A fundação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI, 1948) deu forma a esta significação, com a articulação de diferentes movimentos e motivações para a ação cristã.

Com isso, os anos de 1950 representaram um período de transformações significativas, também devido à penetração do pensamento teológico protestante do século XX no Brasil, até então bloqueado pelo contexto marcadamente fundamentalista e pietista. Desde seus primórdios o CMI estabeleceu entre as prioridades de ação a preocupação com a responsabilidade sociopolítica dos cristãos. Esta ênfase refletia-se na realização de seminários e publicação de reflexões sobre o tema.⁴

Essa responsabilidade social seria (...) o próprio cerne da unidade visível dos cristãos. Afinal, se as igrejas foram parte integrante do processo civilizatório que plasmou sociedades bélicas, opulentas, expansionistas e imperialistas, era chegado o momento do arrependimento, da penitência, e da solidariedade concreta com as vítimas daquele processo.⁵

No Brasil, o resultado deste estímulo do CMI foi a criação do Setor de Responsabilidade Social da Igreja da CEB, vinculado ao Departamento de Estudos, também criado no período. O setor foi a ampliação do trabalho iniciado pela comissão vinculada ao CMI denominada Comissão de Igreja e Sociedade. A comissão, criada em 1955 por iniciativa do missionário

⁴ Cf. Bittencourt Filho, José. "Protestantismo: avanços e tropeções". *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro: CEDI, 12(249), jan./fev. 1990. p. 32.

⁵ Idem. "Do *Kairos* protestante: Três Décadas de Conferência do Nordeste". In: *Conferência do Nordeste: 30 anos. Contexto Pastoral*, 2(8). Campinas/Rio de Janeiro: CEBEP/CEDI, maio/jun. 1992. Suplemento Debate. p. 17.

presbiteriano Richard Shaull⁶ tinha financiamento do CMI e buscou vínculos com a CEB. O secretário-executivo do Setor de Responsabilidade Social foi o leigo presbiteriano Waldo César, que havia sido antes o secretário-executivo do Departamento de Mocidade e do Departamento de Migração e Colonização. Waldo César relata:

O projeto Igreja e Sociedade era um projeto de tal monta, que a chamada Comissão de Igreja e Sociedade (...) tinha mais afiliados, membros, do que a própria CEB. A CEB tinha seis igrejas afiliadas, igrejas históricas. Nós tínhamos doze ou quinze igrejas, grupos... a comissão era ecumenicamente muito maior do que a CEB com toda a sua tradição e história. (...) Havia uma preocupação social latente em todo o lado e a comissão certamente ofereceu elementos teológicos, não só sociológicos, para interessar as igrejas, nem sempre representadas oficialmente.⁷

O Setor de Responsabilidade Social organizou, durante a sua existência (1955-1964), em âmbito nacional, uma consulta e três conferências de estudos, que, segundo historiadores do protestantismo brasileiro, marcaram a história da CEB e das igrejas no país. Segundo José Bittencourt Filho, por meio do Setor de Responsabilidade Social, pela primeira vez, “os evangélicos decidiram elaborar um projeto conjunto de participação efetiva relevante na realidade nacional. Isto, de forma autóctone, ou seja, autônoma em relação às igrejas-mães situadas nos Estados Unidos da América”.⁸

A consulta (1955) adotou um tema, até então, pouco comum ao vocabulário das igrejas do PHM: “A responsabilidade social da Igreja”. As conferências adotavam temáticas que procuravam acompanhar os grandes temas nacionais como “A Igreja e as rápidas transformações sociais no Brasil” (1957, tempo das metas de JK), “Presença da Igreja na evolução da nacionalidade” (1960, com a efervescência dos debates ideológicos inspirados pela experiência cubana e a obsessão pelo “novo”) e “Cristo e o processo revolucionário brasileiro” (1962, quando a palavra “igreja” é substituída e o tema repercute na imprensa secular – rádio e TV). Waldo César escreve:

O movimento Igreja e Sociedade superou de certa forma o nível teológico, ideológico e institucional em que se movia, timidamente, o protestantismo brasileiro. Foi, portanto, um rompimento. O compromisso de fé tinha uma nova referência, criava um vocabulário novo, outra leitura da Bíblia - e da realidade social na qual vivíamos mais como vítimas

⁶ Teólogo presbiteriano norte-americano, que veio para o Brasil em 1952 e exerceu significativa influência na formação de pastores e jovens leigos no período até 1966.

⁷ César, Waldo. Entrevista a Magali do Nascimento Cunha. Rio de Janeiro, 19 set. 1997.

⁸ “Do *Kairos* protestante”, op.cit. p. 17.

do que participantes. O projeto Igreja e Sociedade foi para nós uma forma de inserção na conjuntura nacional e a revelação das contradições do protestantismo e do País, das coisas velhas e novas que se produziam nas igrejas e na cultura brasileira.⁹

A última conferência, realizada em Recife em 1962, e por isso denominada “Conferência do Nordeste”, é considerada por Waldo César a “expressão culminante de um processo novo na tradicional eclesiologia brasileira”.¹⁰ Estudiosos a classificam também como o ponto culminante de “quase duas décadas de esforços educativos e conscientizadores”,¹¹ reunindo 167 participantes, provenientes de 17 estados, pertencentes a 16 denominações cooperantes do Setor de Responsabilidade Social da CEB.

O próprio local da conferência foi escolhido como símbolo de aproximação com o Brasil da exploração, da miséria, do atraso dentro do mundo capitalista e também da esperança, da alternativa socialista – as Ligas Camponesas com Francisco Julião representavam isto.¹²

O secretário-executivo da Conferência do Nordeste foi o pastor congregacional Carlos Alberto Corrêa da Cunha, posteriormente vinculado à Igreja Presbiteriana do Brasil, que havia sido afastado da direção do seminário teológico da Igreja Congregacional, acusado de modernismo teológico e ecumenismo. Após o episódio no seminário, Carlos Cunha foi convidado por Waldo César para trabalhar no Setor de Responsabilidade Social e recorda:

[A Conferência foi toda] planejada de maneira bastante minuciosa. Pelo menos uma equipe se deslocou, sob minha orientação, para o Nordeste, após um curso rápido de técnica de pesquisa em campo, dado por Esdras Borges, sociólogo de São Paulo, e presbiteriano. E lá fomos nós para o interior nordestino durante quase um mês, aproximadamente seis meses antes da conferência. Em outro momento, eu e o bispo metodista Almir dos Santos [presidente da conferência] fomos encarregados de fazer contatos com autoridades, principalmente em Recife. Era uma situação bem especial porque iríamos mexer com elas, pois eram as acusadas por tanta miséria no Nordeste. Nosso papel era provocá-las para dizerem coisas além do que deveriam dizer. Enquanto o Almir funcionava como provocador – ele era muito esperto nisso – eu com técnica de taquigrafia registrava tudo. Há documentos com revelações muito sérias que na época a

⁹ César, Waldo “200 mil desempregados, 70 mil prostitutas”. In: *Conferência do Nordeste: 30 anos, op.cit.* p. 10-11.

¹⁰ Id. *ibid.*

¹¹ Bittencourt Filho, J. “Do *Kairos* protestante”, *op.cit.* p. 18.

¹² Cf. Fernandes, Rubem César. “Um exercício de memória”. *Conferência do Nordeste: 30 anos, op.cit.*, p. 15.

CEB resolveu carimbar como sigilosos, documentos perigosos. (...) Uma dessas pessoas era um advogado dos principais usineiros do Nordeste que nos contou que o dinheiro que eles pediam ao governo era usado para comprar cachorros de raça no exterior.¹³

Entretanto, a peculiaridade da Conferência do Nordeste parece residir no fato de uma reunião de protestantes ter conferencistas não religiosos e até comunistas, como Celso Furtado (na época superintendente da Sudene), Gilberto Freyre, Paul Singer, Juarez Rubem Brandão Lopes e outros. Outro aspecto da conferência foi a exposição de originais de artistas brasileiros consagrados “preocupados com o sofrimento do povo” – Portinari, Carybé, Goeldi, Vitalino –, que despertou o interesse da imprensa.¹⁴ O metodista William Schisler Filho relata:

Os primeiros resultados da conferência começaram a se sentir logo nas igrejas participantes(...): um pastor solidário com seus membros ferroviários, sentando-se com eles em greve nos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana; um leigo cristão se identificando com os camponeses do interior de Goiás numa mini-reforma agrária entre irmãos de uma mesma fé; um deputado evangélico em Santa Catarina organizando pescadores espoliados em cooperativas para a comercialização de sua pesca; grupos jovens alfabetizando e evangelizando, construindo casas em favelas e capelas para levar a luzir a Palavra de Deus. Outros ingressando em partidos políticos, movimentos comunitários e sindicatos para dar expressão a sua fé e idéias.¹⁵

O outro pólo de estímulo ao envolvimento sociopolítico das igrejas na CEB era o Departamento de Ação Social (DAS). Após o ano de 1962, quando o secretário-executivo desse Departamento passa a ser o leigo congregacional Jether Ramalho (anteriormente diretor do Departamento de Mocidade), é promovida a conjugação de esforços do Setor de Responsabilidade Social com o DAS.

Nesse período (...) estava a todo vapor um programa dos Estados Unidos chamado “Aliança para o progresso” e as igrejas norte-americanas come-

¹³ Cunha, Carlos Alberto Correia da. Entrevista a Magali do Nascimento Cunha. Rio de Janeiro, 2 set. 1997. Carlos Cunha concluiu à época que o convite era resultado do fato de que “o que era motivo de acusações lá [na Igreja], era crédito para o trabalho na Confederação”.

¹⁴ César, W. “200 mil desempregados, 70 mil prostitutas”, *op.cit.* p. 11.

¹⁵ Schisler Filho, William. “O anseio de uma virada que 64 torpedeou”. In: *Conferência do Nordeste: 30 anos, op.cit.* p. 22-23.

çaram a mandar uma série de alimentos, roupas e medicamentos para as igrejas no Brasil. Havia um pastor americano luterano no Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos, John Nasstron, que era o responsável por esse programa no Brasil. O programa passou a ter uma influência grande no País à medida que o descentralizamos do Rio de Janeiro e o desenvolvemos em todos os estados do Brasil. Nessa época chegamos a organizar cerca de 37 escritórios da CEB com sede, funcionários, praticamente no Brasil todo. Aí demos uma guinada neste programa; um programa que era eminentemente assistencialista, que era a distribuição de roupas, etc. e passou a ter um embasamento teórico, político, da Comissão de Responsabilidade Social da Igreja, na medida em que não era só o momento da distribuição de roupas e alimentos, mas o momento de mobilizar as pessoas em torno deste projeto e com elas desenvolver uma consciência crítica do porque se estava recebendo aquele material. Isso criou problemas muito sérios no Brasil todo.¹⁶

Jether Ramalho reconhecia a aceitação e a identificação das pessoas das igrejas locais, especialmente das regiões mais empobrecidas, com a proposta de trabalho do departamento. Era um projeto que parecia responder às necessidades locais e ao mesmo tempo ao momento sociopolítico do Brasil.

Principalmente no Nordeste a reação era muito forte contra a presença americana. O nosso discurso ia muito de acordo com este momento político que se estava colocado. Através de um projeto assistencialista, nós conseguíamos mobilizar as pessoas nas igrejas. Os pastores tinham muito interesse, pois era uma forma de promoção que eles podiam ter através daquele programa. Havia uma grande facilidade de mobilizar as pessoas.¹⁷

1.4. Peças que a história prega

Antonio Gouvêa Mendonça refere-se ao processo de promoção da unidade e inserção sociopolítica do protestantismo brasileiro como uma “peça” pregada pela História. Ou seja, se a CEB havia nascido dentro do espírito das Alianças Evangélicas, e consagrado o movimento evangélico no Brasil, seus “principais mentores e fundadores, Erasmo Braga e Epaminondas Melo do Amaral, pouco tinham de evangélicas; ao contrário, sustentavam espírito aberto e ecumênico”.¹⁸

No entanto, esta contradição pode ser interpretada como uma “brecha” encontrada por protestantes brasileiros, que acompanhavam o movimento ecumênico desde os seus primórdios e se revelavam seus “reduzidos,

¹⁶ Ramalho, Jether. Entrevista a Magali do Nascimento Cunha. Rio de Janeiro, 3 jul. 1997.

¹⁷ Id. *ibid.*

¹⁸ Quem é evangélico no Brasil? In: *Conferência do Nordeste: 30 anos, op.cit.*, p. 4-5.

mas lúcidos, adeptos”, como o próprio Mendonça qualifica em outro trabalho.¹⁹ Esta “brecha” foi possibilitada pelo caráter de crise e fragilidade presente no protestantismo brasileiro desde sua implantação e permitiu a criação de novas significações, que, em movimento crescente, encontraram maior espaço nos anos de 1950.

Nesse período pipocaram no Brasil muitos movimentos (...) de proposta de uma nova sociedade e de uma nova Igreja. A nossa proposta não era somente política, mas de renovação da Igreja também. Renovação teológica, do ensino da educação cristã, da responsabilidade social da Igreja. Era um movimento de reavivamento das origens do protestantismo. O protestantismo que não se calava frente às injustiças e que sempre se renovava à luz dos contextos novos. Os grandes teólogos eram nossos inspiradores. Havia uma leitura intensa da Bíblia. (...) O movimento começou a se estender por muitas denominações. Na Igreja Metodista através da turma de seminários, das próprias publicações da igreja. Eu me lembro da Cruz de Malta. Na Igreja Presbiteriana, o Seminário de Campinas; na Igreja Congregacional e na Igreja Batista... Essa onda renovadora se espalhava, não só no Rio de Janeiro, mas em outros lugares do país.²⁰

Estas idéias novas provocaram ebulições não só em organismos oficiais como a CEB, mas também na educação teológica e nos grupos de juventude.

O processo foi, além disto, liderado por clérigos e leigos, líderes ou, muitas vezes, membros das bases eclesiais, jovens e adultos, que possibilitaram a formação de movimentos passando a desafiar, por suas mudanças, o isolamento marcante das igrejas. O ápice deste processo deu-se nos anos de 1950 e 60, tendo sido interrompido pela reação conservadora das cúpulas, reforçadas pelo panorama repressivo que, desde o Golpe Militar de 1964, se desencadeou na vida do País.

Reverendo as formas de controle dos espaços eclesiásticos, inspirados pelos acontecimentos na vida do país, grupos dirigentes das igrejas promoveram o silenciamento e o esquecimento de todo o processo da CEB, dos movimentos de juventude e de renovação teológica, e geraram, assim, nova crise no seio do protestantismo. Essa crise, em consequência dos muitos expurgos e perseguições realizados (aos departamentos da Confederação Evangélica do Brasil, a professores e alunos dos seminários teológicos, às organizações de juventude) acabou por resultar em novas cisões.

¹⁹ Ver “O não-ecumenismo no Brasil”, *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro: CEDI, 15(271), set./out. 1993. p. 23-25.

²⁰ Ramalho, J. Entrevista, *op.cit.*

A reação dos dirigentes pode ser compreendida como o resultado de um histórico fechamento ao novo, com o qual o protestantismo de toda forma deveria, cedo ou tarde, se defrontar. Os grupos conservadores negavam a pluralidade e a diversidade de significações, trabalhando para que prevalecesse apenas a sua concepção de igreja e de fé. Este “medo do novo” era expresso não somente em relação aos grupos ecumênicos, mas também a outras manifestações e práticas diferenciadas do modo de ser trazido pelos missionários, como, por exemplo, a ação pentecostal e dos movimentos de renovação carismática.

Na CEB já havia uma crise estabelecida desde os anos de 1960 quando ela se expandia pelo País por meio dos Departamentos de Ação Social e de Juventude e do Setor de Responsabilidade Social. Waldo César recorda:

[O Setor de Responsabilidade Social] era ecumenicamente muito maior do que a CEB com toda a sua tradição e história. Isso causava um mal estar interno para o pessoal, que via aquilo assustado. A contradição interna fantástica era a de que nós conseguimos fazer encontros com a participação de marxistas. A Confederação até tolerava isso, mas não tolerava um católico à frente. A barreira com os católicos era forte. Uma vez tinha um encontro com um grupo católico e saiu no *O Globo* uma notinha com o meu nome, de que eu estava com padres católicos, etc. Eu fui chamado à atenção, apesar de dizer que não fui pela Confederação, mas como iniciativa pessoal. Eles me proibiram disso.²¹

2. Os movimentos de contrapoder e as publicações que alimentavam sonhos: ecumenismo no Brasil pós-1964

Algumas das conseqüências do processo de repressão no protestantismo brasileiro pós-64 foram o apoio maior do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) ao ecumenismo brasileiro e o estreitamento de laços com missões dos Estados Unidos e com setores da Igreja Católica Romana.²² O apoio do CMI dava-se principalmente por intermédio da atuação de Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), cuja referência no Brasil havia sido o Setor de Responsabilidade Social do Departamento de Estudos da CEB.²³

ISAL foi o resultado das conexões do Protestantismo Latino-Americano, concretizadas por meio das Conferências Evangélicas Latino-Americanas (Celas)

²¹ César, W. Entrevista, *op.cit.*

²² César, W. “Um ecumenismo voltado para o mundo. Esboço para uma história do ecumenismo no Brasil”. In: *Caminhos e descaminhos da unidade evangélica. Contexto pastoral*, 5(26), Rio de Janeiro: Koinonia, mai./jun. 1995. Suplemento Debate. p. 6.

²³ Sobre ISAL e os conteúdos das reflexões desenvolvidas, ver Bittencourt Filho, J. *Por uma eclesiologia militante. ISAL como nascedouro de uma nova eclesiologia para a América Latina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Instituto Metodista de Ensino Superior, 1988.

realizadas em 1949 (Buenos Aires), 1961(Lima) e 1969 (Buenos Aires). Nas Celas, que chegaram a reunir duas centenas de protestantes de mais de 40 igrejas e cerca de 30 países, discutia-se a dimensão social da teologia protestante, a organização do movimento ecumênico em termos geográficos e temas como o subdesenvolvimento, a fome e a reforma agrária no Continente. ISAL foi criada na Cella de 1961, com a finalidade de levar às igrejas as bases bíblico-teológicas da responsabilidade sociopolítica dos cristãos. Como resultado, publicou a revista *Cristianismo e sociedade* e livros com reflexões de teólogos protestantes latino-americanos, consideradas bases constituintes da Teologia da Libertação. Alguns países latino-americanos, desde os anos de 1950, já possuíam atividades nesta linha, apoiadas pelo Departamento de Igreja e Sociedade do CMI. O primeiro presidente de ISAL foi o bispo metodista brasileiro Almir dos Santos, que presidiu a Conferência do Nordeste.

Com o encerramento do Setor de Responsabilidade Social em 1964, o retraimento da CEB em termos ecumênicos e a repressão no interior das igrejas, ISAL passa a se referenciar nos grupos remanescentes que buscavam articulação para sobrevivência. No ano de 1966, trinta pessoas de sete denominações protestantes vinculadas ao extinto setor da CEB, reuniram-se em São Paulo e decidiram reiniciar o programa de Igreja e Sociedade interrompido e criaram a Comissão de Igreja e Sociedade do Brasil, mais tarde denominada ISAL – Regional Brasil. ISAL – Brasil teve como diretor Waldo César e secretário-executivo Jether Ramalho.²⁴

Ao mesmo tempo, as missões do Protestantismo norte-americano, com bases reformuladas a partir das novas leituras teológicas sobre a missão da Igreja e do próprio movimento ecumênico, atentaram para a situação sociopolítica latino-americana dentro e fora das igrejas, e manifestaram-se contrárias às perseguições. Os grupos ecumênicos internacionais estavam sensíveis ao fato de que os muitos expurgos e demissões afetavam a estabilidade de famílias de pessoas das igrejas.

Este contexto levou, ainda em 1964, à criação de um órgão latino-americano, que visava a apoiar as pessoas perseguidas e expurgadas dos quadros institucionais eclesiásticos. Chamava-se Comitê AD HOC. Era liderado por Richard Shaull e integrado por dois missionários e uma pessoa não-cristã dos Estados Unidos. Waldo César foi convidado para a reunião de organização do comitê, realizada no México, e avaliou positivamente: “Foi fantástico, porque ao mesmo tempo que a gente vivia aquela situação de medo, vivia a euforia de um novo quadro de relações”.²⁵ De acordo com César, este comitê con-

²⁴ Cf. Arquivo particular de Jether Ramalho (Documentação de ISAL-Brasil).

²⁵ César, W. Entrevista, *op.cit.*

tribuiu para a estabilidade financeira e familiar de lideranças perseguidas e também para sustentar as articulações por unidade e responsabilidade sociopolítica que se davam à margem das instituições.

O protestantismo brasileiro vivia assim momento de expressiva contradição. Ao mesmo tempo em que as cúpulas das igrejas freavam as mudanças – os avanços, a instituição do novo no quadro identitário formado com bases fundamentalistas e sectárias –, movimentos internos e externos, ainda que minoritários e destituídos do poder institucional das estruturas eclesíásticas, resistiam para garantir o novo.

2.1. Formação do Centro Ecumênico de Informação

Foi este processo de contrapoder que possibilitou a instituição do Centro Ecumênico de Informação (CEI), criado em 1964 por lideranças oriundas da CEB e de movimentos ecumênicos de juventude. Na avaliação de um dos seus promotores, Waldo César passa a ser o elemento catalisador da garantia do novo no quadro do protestantismo brasileiro.²⁶ Ele mesmo recorda: “Sentimos falta de comunicação entre nós. (...) Dissemos: ‘o nosso lugar é aqui e a igreja não acabou. Essas crises existiram em vários momentos das igrejas’. Era difícil fazer esta leitura naquele momento, mas era a realidade”.²⁷

Tudo começou no Rio de Janeiro, com um grupo de cerca de quinze lideranças presbiterianas da mesma geração (entre elas Waldo César e Francisco de Paula Pereira de Souza, da CEB), que, alarmados com os acontecimentos na Igreja e no País, decidiram reunir-se de forma regular, inicialmente em locais neutros e variados, posteriormente na Igreja Presbiteriana da Praia de Botafogo, onde Domício Pereira Mattos era pastor. O objetivo era debater a conjuntura política e eclesíastica. Estudavam um texto bíblico, faziam orações e refletiam sobre os temas que consideravam relevantes.²⁸

Como resultado das reuniões, o grupo decidiu escrever cartas pastorais mimeografadas para as igrejas, para comentar o tempo presente e, principalmente, para demonstrar que os que acreditavam em renovação “ainda estavam vivos”. Essa divulgação levou à adesão de pessoas leigas das igrejas, apesar do clima de tensão e medo que vigorava.

²⁶ César, W. “Um ecumenismo voltado para o mundo”, *op. cit.* p. 6.

²⁷ César, W. Entrevista, *op.cit.*

²⁸ Cf. Souza, Francisco de Paula Pereira de. Entrevista a Magali do Nascimento Cunha. Rio de Janeiro, 2 jul. 1997; Cunha, C. A. C. da, *op.cit.*, Dias, Zwinglio Motta. Entrevista a Magali do Nascimento Cunha. Rio de Janeiro, 28 out. 1997; Mattos, Domício Pereira. Entrevista a Magali do Nascimento Cunha. Rio de Janeiro, 18 jun. 1997.

[Havia muito medo], todos sofriam pressões. Entravam na igreja pessoas desconhecidas para ouvir e levar informações. Não tínhamos como ajudar um ao outro pois todos estávamos pressionados. Os que estavam na situação se aproveitavam disso para colocar mais “lenha na fogueira”. A onda anticomunista, antiecumênica, antimodernista (embora não tivéssemos nada de modernista do ponto de vista teológico), era uma onda muito forte na igreja. Havia pessoas muito anticatólicas e muito conservadoras nas igrejas e aproveitavam para banir as outras que não viam as coisas com os mesmos olhos delas.²⁹

A receptividade positiva dos contatos do grupo levou ao convite para a participação de pessoas de outras igrejas, que partilhavam dos mesmos pensamentos e ideais, em especial lideranças demitidas da CEB. Juntaram-se ao grupo Jether Ramalho e Carlos Cunha (congregacionais, remanescentes da CEB). Waldo César recorda que logo surgiu a idéia de uma publicação. O grupo fez um trabalho de avaliação para estudar as formas de enfrentar a censura da imprensa, da polícia, da Igreja. Os recursos foram levantados entre os próprios integrantes. É criado o Centro Evangélico de Informação (CEI) no ano de 1965, transformado no ano seguinte no Centro Ecumênico de Informação, configurando o sentido de ecumenismo decorrente das experiências: aproximação não só entre evangélicos mas com católicos e o mundo secular – enfim, com os grupos que tivessem em comum a preocupação com a justiça social.³⁰

O Boletim CEI representou um exercício de contrapoder ou contra-hegemonia, por meio da prática de contra-informação, aliada à estratégia de articulação daqueles “que não haviam perdido a esperança”.³¹ A publicação levava a cabo o compromisso de manter vivos os ideais de unidade e responsabilidade sociopolítica dos cristãos, ainda que em meio a um contexto desfavorável.

Inicialmente, o *CEI* atuava por meio de notas informativas sobre acontecimentos das igrejas, do movimento ecumênico e do mundo. O aprofundamento da informação, com conteúdo formador, por meio dos textos do *CEI Suplemento*, de *Bíblia Hoje*, do *Suplemento CEI* e dos livros da editora *Tempo e Presença*, capitalizou o apoio e a receptividade de indivíduos e de grupos, protestantes e católicos, em todo o País, conferindo maior consistência e visibilidade àquela memória emergente. Foi, finalmente, este processo que

²⁹ Souza, F. P. P., *op.cit.*

³⁰ Cf. César, W. Entrevista, *op.cit.*

³¹ Sobre os temas contrapoder, contra-hegemonia e contra-informação ver Foucault, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1984; Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996; Gomes, Pedro Gilberto et al (Orgs.). *Comunicação, memória & resistência*. São Paulo: UCBC/Paulinas, 1989; Pollack, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

tornou possível a instituição de significações ecumênicas que tendiam a pecer e ganharam novo sentido – um ecumenismo para além das fronteiras eclesiásticas, na interseção da Igreja com a sociedade.

De acordo com Waldo César, que integrava a equipe de redação:

[o grupo sabia que] os que liam o CEI percebiam o âmbito da coisa. Havia muita notícia e alguns comentários, que chamávamos de editoriais. Esses comentários eram de uma temática amplíssima – ecumênica, política e social. (...) Essa leitura, a meu ver, ajudava as pessoas a acompanharem a coisa e se realizarem, no sentido de que não estávamos sós. (...) O importante dessa história é que houve uma extensão ecumênica que a CEB tinha rompido, tinha cortado completamente a possibilidade de ser levada adiante. (...) A CEB provoca o rompimento e a gente se liberta daquela coisa fechada, institucional. Aí se abre um mundo de coisas. A partir daí o contato com os católicos, foi fortissimamente ampliado e mais do que isso, com áreas seculares.³²

O ano de 1967 foi marcado por dois fatos envolvendo o *CEI*. O primeiro deles foi uma das causas da não publicação do exemplar de fevereiro: a prisão de Waldo César. No final daquele mês Waldo César teve sua casa invadida pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e, levado preso; esteve incomunicável por uma semana. Ele recorda que não houve tortura física e sim psicológica. Seus livros e documentos foram apreendidos, entre eles: *O conceito marxista do homem*, de Erich Fromm; *A invasão da América Latina*, de John Gerassi; exemplares de *Refôrme* (órgão da Igreja Protestante Francesa), de *Cristianismo e sociedade* (revista de ISAL) e do *CEI*; e todos os documentos preparatórios da Conferência Mundial de Igreja e Sociedade (CMI, 1966). Waldo César acrescentou: “Em 1968 vieram me buscar de novo, mas eu dei o fora um dia antes. O primeiro foi o Dops, mas o segundo era mais sério, era com o Exército. Eu fiquei fora do Rio dois meses e consegui escapar”.³³

A prisão de Waldo César repercutiu no movimento ecumênico da América Latina, como se pode constatar na carta do secretário-executivo de ISAL, Luiz Odell, endereçada aos membros do Comitê Executivo da organização.

Nos últimos dias de fevereiro Waldo César foi preso, permanecendo nesta condição por quase uma semana. Ele foi acusado de estar dirigindo um protesto da Associação de Estudantes Secundários. Waldo disse que em geral foi bem tratado, que aproveitou a experiência para dizer-lhes algumas coisas e que final-

³² César, W. Entrevista, *op.cit.*

³³ Cf. César, W. Entrevista, *op.cit.* e *CEI*, 20, mar. 1967. p. 2.

mente terminaram pedindo-lhe desculpas. Parece que houve uma denúncia contra ele, presumivelmente de origem presbiteriana e a partir daí a polícia militar agiu. (...) [Sobre os livros apreendidos] Waldo disse a eles que deveriam levar também a Enciclopédia Britânica, já que nela havia mais informações sobre marxismo que em qualquer outra parte! (...) O pastor Domicio Mattos deu uma entrevista à imprensa e denunciou o ocorrido com Waldo e a perseguição que outros dirigentes presbiterianos estavam sofrendo.³⁴

Esta situação de endurecimento do governo militar era um ponto de dificuldade para as atividades ecumênicas desenvolvidas, não só pelo *CEI*, mas pelos outros grupos espalhados pelo País. A prisão de Waldo César representou a indicação de que a realidade política não estava distante dos protestantes preocupados com as questões sociopolíticas.

Tem-nos preocupado seriamente a situação que poderemos ter com ISAL no Brasil. O governo Castelo Branco, dois dias antes de deixar o poder, promulgou uma Lei de Segurança, de tal ordem que todas as atividades podem ser enquadradas nessa lei. O conceito de segurança está sujeito a um arbítrio dos Tribunais Militares, e basta uma denúncia para o cidadão ser suspenso do seu trabalho, mesmo em organização privada. Qualquer relacionamento com entidade internacional, a qualquer título, considerada prejudicial ou perigosa, é crime contra a segurança nacional. (...) Estamos em expectativa. (...) Há um clamor público contra a Lei de Segurança, mas parece que Costa e Silva deseja vê-la revogada. Não se alimenta esperança de um futuro tranqüilo. A “linha dura” parece que está mais fortalecida. Enfim, teremos que esperar um pouco mais para termos uma visão mais limpa.³⁵

Apesar do clima de tensão, outro fato marcou o *CEI* em 1967: o seu reconhecimento como uma agência de notícias ecumênicas a ponto de realizar um convênio com a imprensa secular do Rio de Janeiro para o fornecimento de noticiário religioso. Este processo começa em 1966, quando Waldo César já havia sido convidado pelo *Jornal do Brasil* para ser correspondente na Conferência Mundial de Igreja e Sociedade.³⁶ No ano seguinte o *Jornal do Brasil* publica um caderno especial de domingo sobre ecumenismo (14 de maio).³⁷

³⁴ Carta remetida em 13/mar./1967 (do arquivo pessoal de Jether Ramalho . Documentação de ISAL-Brasil).

³⁵ Carta de Jether Ramalho a Luiz Odell remetida em 16 mar. 1967 . Do arquivo pessoal de Jether Ramalho. Documentação de ISAL-Brasil.

³⁶ Cf. *CEI*, 13, jun. 1966. p. 6.

³⁷ Cf. *CEI*, 21, abr./mai. 1967. p. 3

No mesmo ano, a edição brasileira da *Enciclopédia Larousse* dá destaque ao verbete “Religião”, cuja seção é coordenada por protestantes e católicos vinculados ao CEI.³⁸ O primeiro jornal conveniado foi o *Última Hora*, que criou uma seção intitulada “Mundo Ecumênico”.³⁹ Dois anos depois outros dois jornais, que já publicavam matérias fornecidas pelo CEI, possuíam seções sobre ecumenismo: o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*.⁴⁰

Ao se atentar para o noticiário do CEI, é possível perceber que, mesmo em meio ao clima de censura e perseguição, o novo, representado pelos ideais ecumênicos de unidade e responsabilidade sociopolítica, conseguia romper o silenciamento e o esquecimento.

As reações contrárias às atividades do CEI parecem ter sido um fator constante, resultado da ousadia com que o grupo se lançava no tratamento dos temas relativos à prática das igrejas. Esta ousadia pode ser conferida por meio dos seguintes editoriais:

A última página [intitulada “A tarefa da Igreja é contribuir para a criação de um mundo novo e não viver em função de falsos problemas internos” sobre o tema da Assembléia Geral da Federação Protestante da França] serve de editorial (...). Devemos compará-lo com a situação presente – quando várias igrejas recusam a abandonar posições introvertidas e mergulham seus esforços na punição e na repressão, dando prioridade a “falsos problemas internos”.⁴¹

O CEI continua, através de suas notícias sem comentários, a contar o que vai acontecendo pela Igreja no mundo. Marchas e contramarchas, avanços e recuos, mas inexoravelmente caminhando para mudanças: novas atitudes, posições mais consentâneas com o mundo a renovar-se a cada instante. E se a Igreja não mudar, perde a razão de ser, torna-se irrelevante a sua presença neste mundo. Infelizmente, é o que está acontecendo com a estrutura eclesial tradicional no Brasil, especialmente a protestante. Ainda perdendo tempo na tentativa de amordçar consciências, calar vozes, suprimir liberdades e oprimir criaturas de Deus, feitas à sua imagem e semelhança.⁴²

As manifestações contrárias tinham espaço na publicação:

³⁸ Cf. Id. *ibid.* Os protestantes eram: Waldo César, coordenador; Jorge César Motta (presbiteriano) e Brenno Schumann (luterano). Os católicos eram: um padre dominicano, cujo nome não foi mencionado na nota, e Luiz Eduardo Wanderley.

³⁹ Cf. *CEI*, 25, out. 1967. p. 3.

⁴⁰ Cf. *CEI*, 36, ago./set. 1969. p. 2.

⁴¹ *CEI*, 36, ago./set. 1969. p. 2.

⁴² *CEI*, 80, jul. 1973. p. 2.

Embora vocês estejam na contramão, devo ser sincero. O CEI está bom, como órgão informativo. Afinal, nós precisamos de oposição. É da democracia. Será que vocês não estão indo longe demais? É bom refletir... Admitindo que haja exorbitância na cúpula: desordem só se combate com a ordem. Que história estranha é essa que estamos enfrentando, não?⁴³

As reações tinham espaço também fora do CEI, como afirmam alguns dos integrantes do organismo:

As igrejas tradicionais quase todas estavam contra qualquer coisa que cheirasse a movimento ecumênico, apesar de haver paróquias, comunidades locais, que até usavam o material do CEI. (...) O CEI teve um papel importantíssimo, não só nesse aspecto [de fazer sobreviver o movimento ecumênico] mas, num segundo aspecto que foi o de animar a esperança de alguns que estavam fortemente desiludidos com a Igreja, já tinham perdido a esperança. (...) As pessoas liam aquilo e debatiam e formavam discussões.⁴⁴

Os debates eram estimulados por meio dos suplementos, que continham documentos de eventos importantes das igrejas e do movimento ecumênico, conferências e produções de teólogos de destaque, e outros materiais aos quais as pessoas vinculadas às igrejas possivelmente não teriam fácil acesso. A temática enfatizava a unidade e a responsabilidade social das igrejas, refletindo o projeto do grupo do CEI, de manter vivas as significações construídas no passado recente do protestantismo.

Internamente, os seminários e reuniões de estudo promovidas pelo CEI, que começaram com pessoas das igrejas, foram, no decorrer do tempo, se ampliando e reunindo pessoas do mundo secular. Nas palavras de Waldo César:

O Márcio Moreira Alves foi um que entrou no nosso circuito, outro foi Lauro Oliveira Lima, a Rose Marie Muraro... essa rede foi crescendo e era formada por vários núcleos. Era o tempo da JEC, JUC, e de vez em quando a gente se encontrava em algum lugar. Eu fui a muitas reuniões de dois ou três dias em Petrópolis. Surgiam muitas coisas que refletiam nas publicações católicas. Essa rede nunca morreu e existiu durante todo o processo. Era uma rede de resistência mesmo e que toma um corpo mais concreto com a revista *Paz e Terra*.⁴⁵

⁴³ Carta do pastor Lázaro Lopes de Arruda, da Igreja Presbiteriana do Brasil em Tietê (SP). *CEI*, 38, dez. 1969. p. 2.

⁴⁴ Cunha, C. A. C. da, *op.cit.*

⁴⁵ César, W. Entrevista, *op.cit.*

2.2. Paz e Terra: a ousadia ecumênica

A revista *Paz e Terra* surgiu da proposta no grupo do CEI, de criar uma revista ecumênica de conteúdo aprofundado. Waldo César e Luiz Eduardo Wanderley, católico-romano da rede do CEI, que estavam à frente do projeto, decidiram contatar editores que pudessem possibilitar a realização da revista. As negociações os levaram a Ênio Silveira, intelectual vinculado ao Partido Comunista, que dirigia a Editora Civilização Brasileira. De acordo com Waldo César,

[o Ênio Silveira] ficou encantado com a idéia e nos mandou procurar o Moacyr Félix, que trabalhava com ele, e que vibrou com a idéia. Fizemos um projeto e dissemos a ele que deveríamos ter nomes de peso da Igreja Católica e do mundo secular, para que ninguém metesse a mão na revista. Com nomes como Alceu Amoroso Lima e D. Helder Câmara, esquerda lúcida e combatente, [a censura] não barraria a revista tão facilmente. Era uma estratégia.⁴⁶

A decisão de editar a revista *Paz e Terra*, levou Ênio Silveira a criar a *Editora Paz e Terra*. Textos de publicações ecumênicas eram traduzidos, artigos e livros de teólogos de destaque, ignorados por outras editoras, eram publicados, abordagens diversificadas de intelectuais brasileiros eram divulgadas.

O primeiro exemplar da revista *Paz e Terra*, que apresentava Waldo César como diretor responsável e Moacyr Félix como secretário, registrou na apresentação:

Paz e Terra é o campo onde os humanismos, as igrejas e os diálogos dos homens de boa-vontade superam as diferenças de estrutura e instituição, raça e credo, cultura e partido, para se encontrarem no reconhecimento da necessidade de defender e promover os valores que se ligam à dignidade e à grandeza da vocação do homem.⁴⁷

O Conselho de Redação da revista era composto por Alceu de Amoroso Lima, Alfredo Bosi, Antônio Otávio Cintra, Bernardo Catão, Brenno Schumann, Celso I. de Sylos, Edgar de Godoy Matta Machado, Esdras Borges Costa, Francisco Whitacker Ferreira, Frei Pedro Secondi, O.P., Glauco Soares de Lima, Jânio de Freitas, João Dias de Araújo, Jorge César Mota, José Honório Rodrigues, José Paulo Moreira da Fonseca, Jovelino Pereira Ramos, Lúcia Ribeiro de Souza, Luiz Alberto Gomes de Souza, Luiz Eduardo Wanderley, Maria Helena Kühner, Maria José Brandão Machado, Padre Francisco Guimarães, Raul Landim Filho.

⁴⁶ Id. *ibid.*

⁴⁷ *Paz e Terra*, 1(1), jul. 1966. p. 1.

A perspectiva de um ecumenismo fora das estruturas das igrejas, existente no CEI, trazida pelas pessoas oriundas da CEB e, em especial, do Setor de Responsabilidade Social, encontrou extensão por meio da experiência da revista *Paz e Terra*. A revista foi publicada de 1966 a 1969, com nove exemplares, e tiragem bimestral de 10 mil exemplares, 300 páginas. Waldo César depõe:

Paz e Terra cultivava o que se podia denominar “ecumenismo secular”. Seu corpo de redação era formado por protestantes (maioria), católicos e não-cristãos, com análises pontuais sobre o Brasil e a realidade internacional, levando-nos a cruzar, por vezes com assombro, essas “paragens não eclesásticas” (expressão de Gustavo Gutiérrez). A editora também traduziu e publicou dezenas de livros de teólogos contemporâneos. De toda maneira vivíamos a frustração da igreja que poderia ter sido e que não foi, parodiando o poeta Manuel Bandeira.⁴⁸

O número nove registra o encerramento das atividades de Waldo César como diretor responsável, “por circunstâncias de sua vida particular”, conforme nota da editora, redigida por Moacyr Felix. Nesse texto, Waldo César é exaltado como um “batalhador corajoso pela compreensão entre os homens” e Felix garante “a continuidade dos propósitos que orientam o surgimento dessa publicação, convencidos que estamos da necessidade cada vez mais premente do encontro e diálogo de todas as tendências do humanismo contemporâneo”.⁴⁹

No curto texto de despedida, Waldo César registra o seu “reconhecimento a todos aqueles que confiaram e cooperaram com esta proveitosa experiência cultural e ecumênica” e o desejo “de que o debate aberto e honesto entre os homens de boa vontade continue a experiência destes anos”.

Na realidade, a revista acabou sendo encerrada após este número nove, pelo fato de a editora não ter suportado financeiramente o recolhimento de vários números pela censura. Waldo César lamenta:

Quando fui preso, um dos assuntos era esse [a Paz e Terra]. Ali a gente descobriu uma conexão que foi muito mais rica do que dentro da Igreja. Eu tive uma relação muito mais fraternal com esse grupo do que com aqueles velhos setores da Igreja (...). Estávamos numa luta comum, pela justiça social, reforma agrária... Era uma revista de altíssima qualidade editorial. A editora *Paz e Terra* sobrevive, mas não tem mais nada a ver com o passado. O Gasparian comprou do Ênio. Hoje ele edita coisas boas, mas não tem aquele compromisso ecumênico. A *Paz e Terra* era uma editora ecumênica.⁵⁰

⁴⁸ “Sociólogo relembra a abertura dos evangélicos para a realidade social brasileira nos anos 60”. *Ultimato*, n. 305, mar. 2007. Entrevista. Disponível em http://www.ultimato.com.br/?pg=show_artigos&artigo=1805&csecMestre=1900&csec=1915&num_edicao=30

⁴⁹ *Paz e Terra*, 4(9), out. 1969. p. 1.

⁵⁰ César, W. Entrevista, *op.cit.*

Jether Ramalho reflete sobre todo este processo, reconhecendo o papel catalisador e provocador desenvolvido pelo movimento apoiado pelo CEI:

Creio que uma característica particular do CEI, é o compromisso ecumênico que não existia nos outros grupos. O carisma do CEI estava em apostar que não poderia fazer essas modificações numa perspectiva confessional. Isso era difícil para os companheiros católicos também. Como o Catolicismo sempre teve a pretensão de ser uma igreja mais ampla e responsável pela proposta do Cristianismo, esse grupo minoritário possibilitou, desafiou e desafia até hoje, que esse avanço na perspectiva teológica da igreja, não pode olvidar essa perspectiva ecumênica. O CEI é o carisma ecumênico que a Confederação Evangélica não soube desenvolver e que as denominações confessionais restantes não tiveram coragem de assumir publicamente com medo das reações conservadoras. Aí, sem modéstia, não vejo outro grupo no Brasil que tenha tido essa possibilidade nesse período de fazer a afirmação ecumênica.⁵¹

3. Para entender o presente e inspirar o futuro...

Num dos seus tantos textos produzidos, Waldo César afirmou que uma história do ecumenismo no Brasil ainda estaria por ser escrita: por ser uma experiência em curso, no presente, qualquer avaliação dos avanços e retrocessos seria, mais do que difícil, precipitada⁵².

Em que pese o alerta do estudioso e militante, pode-se, no entanto, a partir da trajetória esboçada neste texto, afirmar sem receios que o ecumenismo tornou-se senão um “caminho sem volta”, ao menos marca indelével para a história das igrejas no Brasil. Esse caminho é marcado por memórias da busca da unidade mediante as diversidades e de responsabilidade socio-política dos cristãos mas também de conflitos e expurgos, silenciamentos e esquecimentos, contrapoder e criatividade. Foi essa memória que assegurou a sobrevivência e a visibilidade do sonho ecumênico semeado entre os brasileiros desde os tempos de Erasmo Braga, o “profeta da unidade”.⁵³

Esse sonho tornou possível criação de organismos ecumênicos de destaque no Brasil como Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), o Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI). Esta trajetória marcaria o surgimento de diversas organizações ecumênicas de serviço no País a partir dos anos de 1970, como

⁵¹ Ramalho, J. *Ibidem*.

⁵² Cf. Um ecumenismo voltado para o mundo, *op.cit.*, p. 3.

⁵³ Ver Ferreira, Julio Andrade. *Profeta da Unidade. Erasmo Braga, uma vida a descoberto*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Tempo e Presença, 1975.

o próprio Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), herdeiro do CEI, hoje representado em Koinonia Presença Ecumênica e Serviço; o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e à Educação Popular (CESEP); o CECA (Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria). Influiria também no surgimento do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), no ano de 1982, como expressão oficial das Igrejas Cristãs brasileiras e referência do Conselho Mundial de Igrejas no País, que conta com a participação oficial da Igreja Católica Romana⁵⁴. Resultaria também na formação de uma série de outras organizações ecumênicas com presença no Brasil.

O tributo prestado aqui a Waldo César revivava a história daquele que junto com outras lideranças protestantes mantiveram viva esta memória que continua a ser construída e a sustentar o presente das igrejas e do movimento ecumênico brasileiro, consolidado em meio aos seus avanços e tropeções. Se o presente, que é novo a cada dia, indica a forma de ler o passado e aspirar ao futuro (o que ainda não é, o devir), recriamos nossa memória a cada instante. Por isso, memória é (re)criação incessante.

Recontar o lugar de Waldo César na história do movimento ecumênico brasileiro é trazer o passado para alimentar o presente e inspirar o futuro, como ele próprio reflete:

O Brasil deve muito ao passado e, sem uma revisão constante do seu processo histórico – do descobrimento às tentativas de um crescimento autônomo (com suas fases de autoritarismo, de revoluções populares fracassadas, dos recentes vinte anos de ditadura etc.) –, certamente faltará uma base sólida para reestruturar a sociedade e a participação do povo marginalizado no atual e difícil caminho de uma plena democracia e cidadania – na qual todos tomem parte. O tempo é a matéria da história. O escritor norte-americano William Faulkner dizia que “o passado nunca está morto, ele nem mesmo é passado.”⁵⁵

Referências bibliográficas

BITTENCOURT FILHO, José. “Protestantismo: avanços e tropeções”. *Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: CEDI, 12(249), jan./fev. 1990. p. 32-34.

BITTENCOURT FILHO, J. *Por uma eclesiologia militante. ISAL como nascedouro de uma nova eclesiologia para a América Latina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Instituto Metodista de Ensino Superior, 1988.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996;

CÉSAR, W. Um ecumenismo voltado para o mundo. Esboço para uma história do ecumenismo no Brasil. In: Caminhos e Descaminhos da Unidade Evangélica. *Contexto Pastoral*, 5(26), Rio de Janeiro: Koinonia, maio/jun. 1995. Suplemento Debate. p. 3-4.

CONFERÊNCIA do Nordeste: 30 anos. *Contexto Pastoral*, 2(8). Campinas/Rio de Janeiro: CEBEP/CEDI, maio/jun. 1992. Suplemento Debate.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1984

GOMES, Pedro Gilberto et al (Orgs.). *Comunicação, memória & resistência*. São Paulo: UCBC/Paulinas, 1989.

MENDONÇA, Antonio G. O não-ecumenismo no Brasil. *Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: CEDI, 15(271), set./out. 1993. p. 23-25.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

“SOCIOLOGO relembra a abertura dos evangélicos para a realidade social brasileira nos anos 60”. *Ultimato*, n. 305, mar. 2007. Entrevista. Disponível em http://www.ultimato.com.br/?pg=show_artigos&artigo=1805&secMestre=1900&sec=1915&num_edicao=30

Outras fontes

Arquivo particular de Jether Pereira Ramalho.

CONFERÊNCIA DO NORDESTE. *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. Anais. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1962. V. 1 e 2.

UCEB: um processo de formação autêntica do jovem nas fronteiras da história. In: *Seminário Juventude evangélica: passado e presente, 12-14 abr. 1985*. Anais. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1985. [não paginado]

- Publicações:

CEI, 1-150.

CEI Suplemento.

Paz e Terra. V. 1-9.

Suplemento CEI, 1-26.

- Depoimentos orais:

CÉSAR, Waldo. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 19 de set. de 1997.

CUNHA, Carlos Alberto Corrêa da . Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 2 de set. de 1997.

DIAS, Zwinglio. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 28 de out. de 1997.

MATTOS, Domício Pereira. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, 18 de jun. de 1997.

RAMALHO, Jether Pereira. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 3 de jul. de 1997.

SOUZA, Francisco de Paula Pereira de. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 2 de jul. de 1997.